

Rosângela Trajano

**Efeitos educacionais e terapêuticos da
contação de histórias**

Para vó Lourdes, minha contadora de histórias.

*Assim se imprime na narrativa a marca do
narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso.*

Walter Benjamin

INTRODUÇÃO

Não é só a história que importa é a maneira de contá-la.

Cecília Meireles

Este livro é um capítulo da minha dissertação de mestrado apresentada no Programa de Pós-graduação de Estudos da Linguagem, no ano de 2007, e aprovada pela banca examinadora. Os demais capítulos serão divididos em mais três livros, por serem extensos e muitas vezes tratarem de assuntos que podem ser separados uns dos outros. O conteúdo aqui apresentado sofreu algumas alterações para se adequar a um livro específico, mas não perdeu a sua essência de ser um conjunto de argumentos enfatizando a importância da contação de histórias tanto em termos terapêuticos quanto educacionais.

Para mim, é mais fácil me apresentar na primeira pessoa. Por isso não ache estranho autor essa minha forma de escrever. Talvez pelo constante uso da oralidade, pela simplicidade no falar, pelas idéias que vão e voltam num passar de instantes necessito escrever-me e não escrevermos. Afinal o caráter subjetivo faz parte de mim e desse trabalho que considero de extrema importância àqueles que apreciam a contação de histórias.

O que quis fazer foi um livro que mostra um mundo onde imaginação e realidade se misturam sem que se saiba diferenciar uma da outra. Feito especialmente para aqueles que não perderam o espírito infantil e não se esqueceram das histórias ouvidas na hora de dormir. Espero poder despertar o contador de histórias ou o leitor adormecido nas linhas que se seguirão, tendo em vista que há um propósito grandioso nessas longas folhas que foram germinando como os grãos de feijão da historinha de João e o pé de feijão: ouvir é guardar no espírito sementes formadoras da experiência; contar é fazer imaginar um mundo individual.

Venho de uma família de contadoras de histórias: minhas bisavó paterna, avó materna, avó paterna (apesar de não tê-la conhecido, dizem ter sido uma grande contadora de histórias) e mãe. A minha bisavó sabia contar histórias encantadoras. Lembro-me dela contando histórias enquanto embalava a minha rede pra lá e pra cá. Ela gostava de

contar histórias de príncipes e princesas. Também costumava contar histórias da sua infância, da sua vivência, histórias contadas por outros parentes. Tão diferente da infância das crianças dos nossos dias foi a da minha bisavó. Há uma história que eu nunca esqueci, vou contá-la: um morto estava sendo levado numa rede para o cemitério, o povo atrás chorando e rezando com velas nas mãos; de repente, o morto colocou a cabeça para fora da rede e perguntou para onde estavam o levando; o povo correu, não ficou ninguém, quer dizer, só a minha bisavó, que era menina e pra contar a história. Naquela época era comum enterrar as pessoas numa rede, porque elas morriam em casa. Antes de morrer, as pessoas costumavam confessar um segredo ou dizer onde estava escondido o tesouro para algum parente.

Tenho uma outra contadora de histórias muito engraçada também: é a minha mãe. Com ela aprendi muitas coisas. Mamãe sabe contar histórias como ninguém. Ela descreve tudo com os mínimos detalhes. Há uma história que ela costuma me contar ocorrida na sua adolescência: havia uma senhora muito rica na sua cidade. Era uma viúva chamada Totonha. A viúva não tinha herdeiros. Estava à beira da morte. Certo dia chamou o juiz e fez seu testamento. Mamãe muito ambiciosa cuidava da viúva visando fazer parte do seu testamento. Mamãe fazia o chá para Totonha, mas esquecia de colocar o açúcar e a viúva cuspiu o chá com raiva, dizendo: isso parece veneno. Mamãe costumava perguntar no ouvido de Totonha: a casa vai ser minha? A viúva quase sem voz, ruim que só ela, respondia: a casa é sua inimiga.

Eu gosto muito das histórias da minha bisavó e de mamãe porque elas resgatam os costumes antigos, as tradições do povo. Costumes esses que não vemos mais. Faz a criança imaginar como era a vida antigamente e relacionar com a vida de hoje. São essas relações essenciais para a formação do pensamento reflexivo e crítico.

Mas as minhas histórias preferidas estão guardadas nas memórias de Vó Lourdes. Ela, sim, sabe contar histórias como ninguém. Com ela, aprendi esse jeito de contar histórias com uma desenvoltura e um encanto místico. Misticismo fazem parte das histórias de Vó Lourdes, cheias de bruxos, poções mágicas, feitiços, curandeiros e rezas. Aprendi com Vó Lourdes a como deixar as crianças boquiabertas e de olhos bem espantados. Não é tarefa fácil e muitas vezes tem coisas que não há como ensinar, mas vou procurar

mostrar nesse livro a minha experiência e o que alguns literatos dizem sobre a arte de contar histórias.

Contar histórias é uma atividade prazerosa. O carinho recebido das crianças engrandece a minha alma e me ajuda a fortalecer os laços com a minha infância. É uma atividade que faz bem ao coração e à alma, proporcionando ao contador uma vida com mais amor, seja ela por parte das crianças ou por parte do seu amor pelas histórias. O lugar onde a história é contada ganha magia, encanto, mistério e aventura. Nas minhas andanças pelo Brasil, já contei histórias diante do mar, em escolas, em livrarias, em bibliotecas, jardins de infância, hospitais e calçadas. Foi na calçada da minha casa onde encontrei meu refúgio e inspiração. Eu comecei no bairro de Mãe Luíza, em Natal, a convite do Padre Sabino, e nunca mais parei de contar histórias. De ouvinte passei à contadora. Hoje sou eu quem conto histórias para a minha mãe.

Volto um pouco ao passado e vejo o quanto as avós de companhia contavam histórias com carinho e dedicação. Algumas sequer sabiam ler. Tinham um poder de improvisação espetacular. As histórias chegam devagarzinho na mente do contador e se tornam oralidade com suas figuras de linguagem encantadoras. Não há uma criança que fique calada com o toc, toc, toc da porta ou o tic, tac, tic, tac do relógio. São as onomatopéias enriquecendo a contação de histórias. Os antigos contadores criaram histórias belíssimas para as nossas crianças, usufruíram tantos recursos estilísticos sem sequer saber o que estavam usando, trouxeram risos, formaram o folclore brasileiro com o negrinho do pastoreio e o lobisomem. Mas muitos desses encantadores contadores desapareceram faz algum tempo, pois já morreram. Outros contam aos netos e bisnetos e insistem em permanecer viva a tradição de contar histórias.

Quando conto histórias torno-me, às vezes, psicóloga ou psicanalista, professora ou psicopedagoga, buscando interpretar os sentimentos das crianças, seus sofrimentos, seus medos e suas angústias. Como não tenho recursos técnicos para lidar com alguns sentimentos, apenas sigo contando histórias cada vez com maior enfoque na criança ora observada. Por isso este livro trata dos efeitos educacionais e terapêuticos da contação de histórias enfocando alguns especialistas nesse assunto.

Creio, fielmente, no poder de cura e educação através da contação de histórias. Atualmente, as crianças têm se mostrado rebeldes e apreciadoras de jogos violentos em videogames. Muitas crianças nunca ouviram uma história. Essas crianças não sabem como ouvir histórias. Para elas é uma coisa chata no início, mas a partir do hábito a coisa que antes era chata começa a ficar engraçada, alegre, divertida, instrutiva, interativa e alivia dores curando sentimentos amedrontadores.

Ocorreram muitas mudanças no mundo e nas pessoas, e a contação de histórias acompanhou essas mudanças. Hoje, contar histórias tornou-se uma profissão com técnicas avançadas e modernas. Há pessoas que fazem cursos de dança e teatro para aperfeiçoar a forma de contar histórias. Há livros ensinando a como contar histórias. São profissionais especializados e dedicados. A concorrência é grande, e o mercado tem crescido nos últimos anos; por isso é importante estar à frente das novas técnicas. Eu tive que estudar muito para me tornar uma boa contadora. Li muitos livros. Alguns são citados neste trabalho, outros deixaram algumas técnicas interessantes. Li porque quis descobrir qual o segredo de se tornar um bom contador de histórias. Descobri que para ser contador de histórias se fazem necessárias três coisas: arte, técnica e amor.

Quando me refiro à arte, quero dizer ao dom. Contar histórias é como pintar quadros. Nunca se sabe qual vai ser o resultado da obra criada. Cada indivíduo vai fazer uma leitura diferente, e serão muitas as opiniões divergentes. Eu considero o contador de histórias como um pintor que pinta, em vez de quadros, palavras em molduras da imaginação das criancinhas. Sem o dom não é possível contar histórias; quando muito, pega-se um livro e começa-se a lê-lo sem nem mesmo colocar emoção na voz. O contador de histórias vai se formando a partir da sua maturidade e experiência, chega um dia que ele sente a vontade de narrar alguma coisa e daí não pára mais. Como me perguntou uma criancinha certa vez se um contador contava tudo. Ela queria saber se eu conhecia todas as histórias. Eu disse que conheço aquelas que o vento me traz. Ela deu um sorriso, colocou o dedo na boca e saiu correndo. Nas diversas escolas por onde passei, muitas vezes precisei inventar uma história no momento da contação. Às vezes eu não tenho nem tempo para imaginar as personagens. Elas vão nascendo a cada palavra, seus gestos, o lugar onde moram, tudo é criado na hora. Considero isto uma arte. A história inventada assim de repente vai depois precisar de uns arranjos aqui e acolá, embora o importante seja o despertar de um momento lúdico e instrutivo.

Toda arte tem a sua técnica. Descobri, com a minha experiência de mais de dez anos de contação de histórias, vários tipos de público. Para cada um há uma técnica a ser utilizada. Das técnicas aprendidas utilizo como regra fundamental a seguinte: nunca ficar de costas ao meu público, cuidado com a voz, gesticular na hora certa, imitar os sons das coisas, deixar as crianças sempre a minha frente e nunca em círculos, ler diversas vezes a história escolhida e me vestir de uma personagem infantil. Nos encontros do Projeto Giges, projeto que desenvolvo com as crianças da minha rua, não me caracterizo, e uso as minhas próprias roupas. Nas minhas contações de histórias em escolas e livrarias eu me visto de bailarina e declamo sempre a poesia de Cecília Meireles intitulada *A bailarina*. Só que sou uma bailarina atrapalhada e que não consegue ficar na ponta dos pés. Brinco com o público perguntando se eles sabem bailar e quem desejaria me ensinar a ficar na ponta dos pés. Sempre aparecem crianças dispostas a isto. De repente, eu me sento de frente às crianças e digo-lhes que posso até não saber bailar, mas sei contar umas histórias que fazem cócegas, que fazem rir, que fazem crescer os cabelos, que fazem o dedão do pé virar um botão, que fazem os corações criar pernas etc. Elas ficam espantadas! As crianças, ao final da história, sempre me abraçam. Só uma delas me perguntou certa vez por que o dedão do pé continuava do mesmo jeito. Eu pedi para ela me mostrar o dedão do pé, mas estava de sapatos e não quis tirá-los. Então eu brinquei com ela dizendo que o dedão estava com vergonha de mim! O botão, bem... O botão aparecerá quando imaginar... Imaginar é poder, disse para ela.

O contador de histórias deve ter amor pelas histórias e pelo seu público. Eu amo crianças e livros. Contar histórias só para ganhar dinheiro não tem significado algum. Sei que muitas pessoas fazem isso hoje em dia, porque existe a profissão do contador de histórias. Eu conto histórias com a minha alma feliz. Conto com amor. Nas minhas experiências de contação de histórias, quando estou com algum problema me atormentando, costumo não me aproximar das crianças, pois temo passar os meus sentimentos para elas. Só conto histórias quando estou de bem com a vida. E por isso faço de tudo para estar sempre alegre e com um sorriso largo no rosto. O contador de histórias não deve ter mágoas na alma, não deve ser um poço de problemas, não deve estar estressado e não deve usar gírias ou falar palavrões. Quando eu vou contar histórias, procuro esquecer a minha vida e me jogo na história, às vezes participando da

mesma como personagem, às vezes só narrando na primeira ou terceira pessoas. O amor pelas crianças de todas as classes sociais e de todos os tipos, desde as mais traquinas às mais tímidas, deve ser doado por igual. Se uma criança me prepara uma peraltice, não vou reclamar com ela, ignoro. Se vejo uma criança quieta, cabisbaixa e com um sorriso tímido nos lábios, procuro no final da história fazer perguntas que atraíam a sua atenção de forma que ela, sem perceber, comece a fazer parte do grupo questionando e sorrindo como as outras crianças. Sem amor não há como ser um contador de histórias. Crianças sabem quando não gostamos delas. As histórias, se mal contadas, nos fogem no meio da contação, e aí quem não tem arte, técnica e amor fica no meio da criançada sem saber o que dizer.

A contação de histórias é do tempo em que se brincava de esconde-esconde, cadê o grilo e amarelinha. As cantigas de roda, tais como “atirei o pau no gato”, “ciranda cirandinha”, “a moda da garranchinha” e “senhora dona Arcanjila”, estão quase esquecidas. As brincadeiras de “estou no poço” e “coelho passa ou não passa” pouco se vêem. Inventaram um jeito diferente para divertir as crianças: os brinquedos eletrônicos. Mas a contação de histórias permanece viva e divertindo com emoção as criançinhas.

As historinhas (como assim costumam chamar as menores) ensinam as crianças a como enfrentar a vida dura, a incompreensão dos adultos, o mito de que toda criança é feliz e não tem problemas. Criança sofre muito, também. Tem seus medos e anseios. É preciso que os adultos aprendam a amar as crianças verdadeiramente. Korczak nos ensina como deve ser esse amor:

Somente poderá amar cada criança com amor sábio, quem se interessar por sua vida espiritual, por suas necessidades, por seu futuro. Quanto mais se aproximar da criança, mais verá nela coisas dignas da sua atenção. E é nessa observação escrupulosa que encontrará sua recompensa e a coragem para novos esforços, que permitam que vá sempre em frente.¹

É este interesse pela vida da criança que o adulto deve adotar. A criança é inteligente, sabe o que quer, tem o direito de fazer as suas escolhas e de opinar quando necessário.

¹ KORCZAK, Janusz. *Como amar uma criança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. p. 234.

Contar histórias é amor, é Eros. Quem conta histórias é um amante; e quem as ouve, o amado.

Conto histórias ajudando as crianças a lidar com as suas dificuldades e anseios. Amando e respeitando o seu jeitinho de olhar a vida, interrogando-a.

SUMÁRIO

1. A tradição da contação de histórias através dos tempos	12
2. O amor: criança e contador de histórias	22
3. A contação de histórias e os negros africanos	24
4. Como se contavam histórias antigamente no Brasil	27
5. Como se contam histórias no século XXI	29
6. Contando histórias no Projeto Giges.....	31
7. A importância das histórias às crianças	33
BIBLIOGRAFIA	38

1. A tradição da contação de histórias através dos tempos

A contação de histórias acompanha o homem no decorrer dos séculos. Desde os primórdios da civilização a oralidade é o elemento fundamental das relações humanas. Os homens ouvem e guardam na memória o ouvido. Mais tarde quando têm a oportunidade transmitem aos outros o que sabem e assim por diante. Na Grécia Antiga havia uma forma de contar diferente da de hoje, mas que também exigia o mesmo esforço da memória, eram os rapsodos. Os rapsodos cantaram um grande número de poemas. Um dos diálogos de Platão intitulado *Íon*, que tem por personagem o mesmo nome, diz ser Íon inspirado pelas musas ao se tornar perito em Homero. Platão chega a esta afirmação por considerar o trabalho de Íon uma arte e não uma técnica.

[...] Então, já que não é por técnica que eles fazem e dizem muitas e belas coisas sobre os acontecimentos, como tu sobre Homero, mas por parte divina; cada qual é capaz de compor de maneira bela só naquele gênero para o qual a Musa o precipitou [...]²

No caso de Íon ele só sabia cantar bem os poemas Homéricos. Mas desejo chamar a atenção para a interpretação. Interpretar o que foi escrito por outro. Interpretar bem. Possuir o dom da interpretação. Espectador, rapsodo e ator estão todos numa cadeia de anéis que Platão chama ser divina. Considero a arte de contar histórias divina, pois cabe ao contador fazer seu público deleitar-se e maravilhar-se diante das palavras interpretadas. Diferentemente do rapsodo Íon, o contador de histórias sabe contar muitas, histórias de diversos autores, até mesmo as suas. Mas, sinto ser ele inspirado por um poder divino a partir do momento em que entra em estado de êxtase quando as palavras saem da sua boca lentamente, produzindo sons, desenhando paisagens na nossa mente, vestindo personagens, fazendo-nos chegar ao mundo do faz-de-conta. Nesse momento percebo o contador ser tomado por uma inspiração divina, pois ele parece ter sido levado ao mundo onde se passa a história contando tudo com detalhes surpreendentes. O espectador também entra em estado de êxtase atento a todos os gestos e palavras do contador. Forma-se assim a cadeia de anéis: contador, espectador e autor, criada por Platão no seu diálogo *Íon*..

² PLATÃO. *Íon*. Disponível em: <<http://consciencia.org/antiga/plaion.shtml>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2007.

Contar histórias é uma das mais antigas tradições da civilização contemporânea. Tradição que hoje recupera sua força e a necessidade da sua continuidade se faz presente em todas as camadas da sociedade. Muitas tradições perderam-se com o decorrer do tempo, no entanto a contação de histórias continua viva mais do que nunca. Por que contar histórias é uma tradição? A palavra tradição vem do latim *traditione* e segundo o dicionário Aurélio significa: comunicação oral de fatos, lendas, ritos, usos, costumes etc. de geração para geração.³ Em outras palavras, é o que passa de pai para filho. É a arte de saber contar e encantar através da oralidade a história dos nossos antepassados ou as histórias inventadas por eles.

Há diferentes conceitos para a palavra tradição. Muitos pesquisadores e estudiosos procuram saber o verdadeiro significado dessa palavra que conserva viva a história das nossas gerações. Para Bornheim tradição significa o seguinte:

[...] designa o ato de passar algo para outra pessoa, ou de passar de uma geração a outra geração. Em segundo lugar, os dicionaristas referem a relação do verbo *tradire* com o conhecimento oral e escrito. Isso quer dizer que através da tradição, algo é dito e o dito é entregue de geração a geração. [...] Assim, através do elemento dito ou escrito algo é entregue, passa de geração em geração, e isso constitui a tradição – e nos constitui.⁴

No conceito de Bornheim encontramos dois elementos a mais e que fazem parte essencial da formação da nossa tradição: o material escrito e aquilo que nos constitui. Se a tradição faz parte da nossa constituição, isso demonstra a sua especial necessidade à nossa formação. O contador de histórias se faz valer do elemento oral e escrito para chegar até o seu ouvinte. O conceito de Bornheim ganha uma amplitude maior e mais próxima dos nossos dias. A oralidade era o elemento da tradição antes da invenção da imprensa. Após o surgimento dos livros a escrita passou a fazer parte da tradição. O contador de histórias tanto ouve quanto lê para memorizar e repassar o que sabe. O que é entregue ao outro é a arte do contador de histórias de dar vida aos personagens e as palavras.

³ TRADIÇÃO. In: *Novo dicionário da língua portuguesa*. Aurélio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. p. 1696.

⁴ BORNHEIM, Gerd Alberto. O conceito de tradição. In: *Cultura Brasileira: tradição, contradição*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987. pp. 18-19

Para Balandier a tradição consiste num significado diferente envolvendo novos elementos, assim sendo:

A tradição é a soma de saberes acumulados pela coletividade a partir de acontecimentos e princípios fundadores. Exprime uma visão do mundo e uma forma específica de presença no mundo.⁵

Os dois novos elementos são visão e forma. A tradição consiste na visão daqueles que estão presentes no mundo, ou seja, daquilo que pode ser visto e memorizado porque despertou curiosidade e vontade de guardar para si. A tradição necessita de que a forma do indivíduo presente no mundo vá além do próprio sentido da visão, considerando assim uma visão aquém do sentido e além das lembranças, mas protetora de princípios e acontecimento geradores de uma lembrança a ser memorizada. A visão e a forma nada mais são do que os elementos subjetivos aos quais o homem buscará para gerar essas lembranças no futuro.

Em Balandier vemos ainda uma espécie de segredo na tradição. É como se ele quisesse dizer que a tradição para se manter viva esconde algo: “É o segredo que atribui à tradição antigas funções, sua capacidade de proteger a arte, o saber e a habilidade.”⁶ Apesar dessa tradição manter-se num segredo, em certos aspectos ela pode ser apresentada e passada para outros indivíduos. Este segredo de que fala Balandier compreendo como se fosse uma espécie de protetor da tradição, permitindo assim o ensinamento tão-somente das técnicas. Por outro lado me faço objeto do mundo real e percebo estar rodeada de segredos da natureza, da vida e da morte. O segredo na tradição está na visão e na forma de como os homens estão presentes no mundo, como comunicam esse mundo às novas gerações. A interpretação exige além da arte e da técnica, o segredo de ser um bom interprete ou contador de histórias.

Estamos diante de uma sociedade contemporânea em que muitas coisas tomaram novas formas e significados diferentes. A tradição de alguns costumes vai se perdendo com o passar do tempo. Mas contar histórias é uma tradição que continua viva e apesar de ter ganhado novos elementos necessários à nossa época guarda a sua essência exatamente como começou, ou seja, transmitindo conhecimentos, saberes, lendas, mitos de geração

⁵ BALANDIER, Georges. *A desordem: elogio do movimento*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1997. p. 95.

⁶ Id., *Ibid.*, p. 95.

em geração. Os pais nunca deixaram de contar histórias aos filhos, nem os professores, nem as amas de leite, nem os avós, nem os tios e tantos outros. As crianças nunca deixarão de querer ouvir histórias. Há sempre alguém a contar uma história. Seguindo esse pensamento é que encontro em Hosbawn um forte argumento sobre manter viva a tradição de contar histórias: “Não é necessário recuperar nem inventar tradições quando os velhos usos ainda se conservam.”⁷ E os velhos usos ainda se fazem presentes na nossa sociedade desde procurar a curandeira para tirar o olhado até o hábito de dormir em redes, esse último herdado dos nossos índios.

Vivemos uma época em que a informação deve ser transmitida rapidamente. Um fato ocorrido do outro lado do mundo é imediatamente conhecido por todos nós. Diversos profissionais especializados transmitem a informação, não é mais um agora são muitos. Estamos diante de uma nova forma de tradição? Benjamin afirma: “É a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente.”⁸ Muitos querem contar histórias, mas bem poucos conseguem contar com maestria. O segredo, a arte de saber contar, permanece escondido naqueles que não sabem narrar.

Após a invenção da escrita, a narrativa tomou novas formas. Os homens acreditam não ser mais necessário memorizar as coisas e se valem dos livros para recordar algo. Os narradores guardam, agora, em lugares seguros suas narrativas com medo de esquecerem. A internet tornou-se um grande banco de dados. É por isso que no mito da invenção da escrita Platão relata o que achou Tamuz da invenção de Thoth:

[...] Tu, como pai da escrita, esperas dela com o teu entusiasmo precisamente o contrário do que ela pode fazer. Tal coisa tornará os homens esquecidos, pois deixarão de cultivar a memória; confiando apenas nos livros escritos, só se lembrarão de um assunto exteriormente e por meio de sinais, e não em si mesmos. Logo, tu não inventaste um auxiliar para a memória, mas apenas para a recordação. [...]⁹

⁷ HOSBAWN, Eric. Introdução: a invenção das tradições. In: BALANDIER, Georges (Org.). *A desordem: elogio do movimento*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1997. p. 16.

⁸ BENJAMIN, Walter. O narrador. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197.

⁹ PLATÃO. *Fedro*. São Paulo: Martin Claret, 2001. p.119.

A escrita não domina todos os recursos da oralidade. Quando se escreve algo, sempre se deixa escapar alguma coisa essencial que é colocada na oralidade. Narrar oralmente é uma arte mais valorizada e mais rica, pois exige do seu narrador o saber transmitir. Não há regras na oralidade. O narrador simplesmente narra do seu jeito. Zumthor acredita que escrevendo consegue-se dizer mais do que falando: “Grafada, a língua parece escapar, mais do que quando é pronunciada, ao jugo de uma mnemotecnica coletiva.”¹⁰ A língua escapa porque o narrador está sozinho, logo não há interferências externas. O narrador pode dar intervalos, reescrever o texto, fazer revisões, quando quiser. Falar parece ser mais fácil do que escrever, mas não é. O narrador oral tem sempre ao seu redor um ouvinte que pode interrompê-lo, recorre-se com maior velocidade à memória, não se tem tempo para selecionar as melhores palavras.

Diferente dos antigos narradores que desconheciam a escrita e guardavam tudo na memória, atualmente os narradores se valem dos diversos recursos oferecidos para escrever o que sabem na tentativa de manter vivo o saber. As histórias são reeditadas e não mais recontadas. Passam de pais para filhos as bibliotecas. Eis que surge a importância primordial do contador de histórias que traz o leitor solitário para as rodas de contação de histórias. Assim os mitos, as lendas, as fábulas, as parábolas, os contos de fadas e as histórias realistas permanecem vivos na oralidade e na escrita.

Penso estarmos perdendo os nossos maravilhosos contadores de histórias em razão das mudanças do mundo contemporâneo. É fato comprovado o pequeno número de pessoas que sabe narrar um fato ou acontecimento com desenvoltura. O tempo é inimigo de quem fala e ouve. O tempo é o buraco negro na camada da nossa sociedade contemporânea. A arte de ouvir está quase morta. Fala-se por falar. Quem escuta, não dá importância na maior parte. A arte de contar ainda perdura, não se sabe até quando. É Benjamin quem também nos fala:

A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos.¹¹

¹⁰ ZUMTHOR, Paul. *Tradição e esquecimento*. São Paulo: Hucitec, 1997. p. 14.

¹¹ BENJAMIN, Walter. *O narrador*. Op. cit. p. 198.

É essa experiência que está se perdendo no transcorrer do tempo. Só contamos bem aquilo que sabemos. Para saber é preciso ter vivenciado ou que alguém tenha nos contado. O bom narrador guarda acontecimentos e saberes na memória e os transmite de forma oral ou escrita com uma grandeza infinita de emoção e sabedoria. A tradição necessita da experiência. O narrador que procura falar de algo desconhecido não conseguirá transmitir exatamente o que quer, pois lhe falta a experiência da tradição. Quando vivemos sem pressa, ouvindo os outros, contando coisas e observando o que está ao nosso redor, ganhamos experiência e assim podemos relatar essa vivência com clareza. A experiência é fruto das nossas relações com os outros.

É essa pobreza de experiência defendida por Benjamin sob um outro ângulo, ou seja, o homem busca desfazer-se de tudo o que sabe para desfrutar no mundo a sua beleza interior e exterior sem saberes e conhecimentos prévios que lhes foram ensinados. O homem despe o corpo e a alma das suas experiências à procura de algo novo, de novos sentimentos e exaltações, de uma nova roupagem que combine com as suas vicissitudes futuras. Assim diz Benjamin:

Pobreza de experiência: não se deve imaginar que os homens aspirem a novas experiências. Não, eles aspiram a libertar-se de toda experiência, aspiram um mundo em que possam ostentar tão pura e tão claramente sua pobreza externa e interna, que algo de decente possa resultar disso. Nem sempre eles são ignorantes ou inexperientes. Muitas vezes podemos afirmar o oposto: eles ‘devoraram’ tudo, a ‘cultura’ e os ‘homens’, e ficaram saciados e exaustos.¹²

Conto histórias mostrando às crianças como devem olhar a vida e as pessoas. Se me pedem conselhos os dou em forma de perguntas para que as esmiúcem até encontrar a resposta desejada. Aconselhar faz parte do bom narrador, assim diz Benjamin sobre a verdadeira narrativa:

[...] Ela tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida – de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos. [...] Aconselhar é menos responder a uma pergunta que

¹² BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. Op. cit. p. 118.

fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada.¹³

Os conselhos que dou às crianças sempre dão asas para a criação de uma nova narrativa. Muitas vezes preciso criar uma narrativa fictícia para atender às dúvidas e aos anseios das crianças. Pode parecer meio esquisito dar conselhos num encontro de contação de histórias, mas os frutos desses conselhos ajudam essas crianças vítimas de uma realidade marginal num viver mais encantador e maravilhoso. Os conselhos vêm em forma de perguntas e vivências das personagens das histórias narradas. Personagens que vivem situações parecidas com as das nossas crianças. De repente, as histórias estão entrelaçadas e o netinho traz a avó, a avó traz o professor de matemática, o professor de matemática traz o padre, o padre traz o gato, o gato traz a fada e assim por diante. O essencial é que a experiência das minhas conversas com crianças e adultos de culturas e lugares diferentes possa fazer parte dessas narrativas.

Quem narra sempre coloca um pouco de si na narrativa. A narrativa nunca está sozinha. Ela vem sempre acompanhada pela vontade de narrar, pela experiência, pelo amor, pela habilidade e principalmente pelo segredo da tradição. O segredo que cada narrador possui para temperar a sua narrativa e aquecer os corações dos ouvintes. Os narradores experientes de que trata Benjamin no seu ensaio “O narrador” nada mais são do que aqueles que se infiltraram no seio do seu povo e colheram as suas histórias para mais tarde contá-las de acordo com a sua sabedoria. O saber do narrador se mistura a narrativa criando metáforas encantadoras e maravilhosas capazes de vislumbrar a alma do ouvinte.

A minha bisavó me contava muitas histórias. No embalo da minha rede ou embaixo do meu cajueiro lá estávamos nós (eu e meus irmãos) a ouvir as suas histórias maravilhosas. Ela contava de um jeito bonito, seus “Era uma vez” e “Faz de conta” eram ressaltados com ênfase. Ela plantava a história em mim. Cada vez que repetia uma história eu prestava atenção ao seu jeito diferente de contar. Eu me lembrava de cada detalhe que ela acrescentava ou tirava. Dentro de mim cresceu uma floresta de histórias contadas pela minha bisavó. Histórias que conto hoje as crianças e que um dia, desejo,

¹³ BENJAMIN, Walter. O narrador. Op. cit. p. 200.

possam elas contar a outras crianças. Pois segundo o que nos salienta Benjamin as histórias precisam se manter vivas em espíritos que saibam como alimentá-las:

[...] Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las. Assim se teceu a rede em que está guardado o tom da narrativa. E assim essa rede se desfaz hoje por todos os lados, depois de ter sido tecida, há milênios, em torno das mais antigas formas de trabalho manual.¹⁴

É a experiência o fio que tece a arte do contador de histórias. É preciso que conte uma história e reconte-a tantas vezes for necessário. Contar retirando das profundezas da alma a repetição das palavras. Contando é que se chega ao aprimoramento. Uma história deve e precisa ser contada sempre. O bom contador de histórias haverá de tirar de si sempre algo mais para que não se torne cansativo o ouvir novamente. As histórias precisam ser conservadas. Conto histórias antigas e novas. Mas, sempre as repito. Nas repetições percebi que há sempre algo de novo seja na forma de contar, na noite estrelada ou nublada, nas novas crianças, nas diferentes perguntas surgidas e tantos outros fatores. O importante é o valor da repetição da história, porque repetir é ajudar a manter viva a experiência.

Busatto nos fala que os contos surgiram quando o homem teve necessidade de explicações aos fenômenos da natureza como nos diz abaixo:

Se partimos do princípio que os contos surgiram de uma necessidade intrínseca do homem em explicar a sua origem e a origem das coisas, dotando de significados a sua existência, então podemos pensar que estas criações da imaginação humana coincidem com a primeira categoria conhecida do ser humano, o chamado *Homo Sapiens*.¹⁵

Percebemos então que os contos vão acompanhando a transformação do homem ao passar dos tempos. Ganham novas características, espaço, tempo e imagens. O que não muda é a forma de contá-los: a oralidade. É esta vontade de transmitir algo através da

¹⁴ BENJAMIN, Walter. O narrador. Op. cit. p.205.

¹⁵ BUSATTO, Cléo. *Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. p. 21.

voz que faz do homem esse ser falante que fez criar o ditado “quem conta um conto aumenta um ponto.”

O tempo vai passando e os contos vão se modificando, acompanhado as mudanças na vida do homem. Assim como o homem, o conto não perde a sua essência que é a oralidade, nesse processo de mudança, ocorre uma nova roupagem ao conto de acordo com as necessidades que se justificam a região e ao público onde é contado. Por isso Busatto nos diz:

A literatura oral sofreu alterações, como acréscimo de informações à época e aos valores da comunidade onde era narrada, à omissão de detalhes que para aquele narrador eram insignificantes. Não podemos esquecer que o contador de histórias sempre incluía elementos muito pessoais ao conto, e com isso o transformava em matéria viva adaptada às necessidades dos seus ouvintes.¹⁶

Os contadores de histórias se espalhavam nos quatros cantos do mundo. Qualquer pessoa podia contar uma história. Não precisava ser alfabetizada, ser culta, bastava ter boa memória, criatividade e uma fértil imaginação. Os contadores de histórias, na sua maior parte, eram analfabetos. Eles vieram antes da escrita, por isso o valor pela oralidade.

Ao atravessar os séculos os contos foram se disseminando entre os povos. Diz-se até que Jesus Cristo foi um exímio contador de histórias como podemos ver nas palavras de Busatto:

Sabemos que muitos contos de tradição oral tiveram a sua origem em ensinamentos religiosos. Cristo foi um exímio contador de histórias e suas parábolas podem ser encontradas no grande livro de cristianismo, a Bíblia.¹⁷

Eis que é muito difícil registrar um período onde os contos tiveram início, uma vez que há registros da oralidade antes e depois de Cristo, e que ele próprio foi um contador de histórias. Na verdade, a importância da data é sem significado quando se percebe que a oralidade acompanha o homem desde a sua origem e que se sabe dessa vontade de se comunicar existente no homem desde os primórdios da civilização. O importante é

¹⁶ BUSATTO, Cléo. *Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. p. 22.

¹⁷ Id., *ibid.*, p. 26.

permanecer viva a contação de histórias, mesmo que os contos venham a se modificar ganhando elementos do mundo contemporâneo, o que deve permanecer é este poder de encantar através da palavra.

2. O amor: criança e contador de histórias

O amor está presente tanto no coração do contador de histórias quanto no do ouvinte. Eros é fundamental para a contação de histórias. Mas Eros também é fundamental para o surgimento da filosofia, como demonstra Platão no Banquete: Eros filosofa, Eros busca o saber:

[...] Com efeito, uma das coisas mais belas é a sabedoria, e o Amor é amor pelo belo, de modo que é forçoso o Amor ser filósofo e, sendo filósofo, estar entre o sábio e o ignorante. [...] ¹⁸

Assim, primeiro há o amor das crianças pelo contador de histórias. Depois, da criança pelos livros, em função da experiência de contação de histórias. Finalmente, o amor das crianças pelas histórias em si.

É esse amor fruto da necessidade das crianças de alguém que lhes dê atenção. O contador de histórias tem o dom da palavra, seus gestos, sua forma de se expressar, seu carinho pelas crianças criará o amor. Nesse caso, depois dos laços criados entre contador de histórias e crianças inicia-se uma felicidade explicada no Banquete como: “... Digo eu então que de todos os deuses, que são felizes, é o Amor, se é lícito dizê-lo sem incorrer em vingança, o mais feliz, porque é o mais belo deles e o melhor...”¹⁹ Quando cheias de amor, as crianças vivem felizes porque têm Eros como proteção do seus saberes.

A criança que ouve histórias conhece o verdadeiro amor. Ama o contador de histórias porque vê nele o seu amado. É aquele que atende aos seus desejos e ansiedades. Tendo Eros por proteção, a criança se torna mais amiga das pessoas e mais amável. O amor contribui para a formação do espírito da criança sendo conduzida aos valores e as virtudes por si própria. Sem amor não há contação de histórias, porque se há quem goste de contá-las é preciso que haja também quem goste de ouvi-las: amante e amado.

¹⁸ PLATÃO. *O Banquete; ou, Do Amor*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. p. 158.

¹⁹ Id., *ibid.*, p. 137.

No amor o amante e o amado trocam necessidades. Ambos se mantêm juntos. Um realiza o outro. Eros que é sábio apreende amante e amado num desejo do outro sempre. Logo ambos tornam-se servidores um do outro:

[...] Quando com efeito ao mesmo ponto chegam amante e amado, cada um com a sua norma, um servindo ao amado que lhe aquiesce, em tudo que for justo servir, e o outro ajudando ao que o está tornando sábio e bom, em tudo que for justo ajudar o primeiro em condições de contribuir para a sabedoria e demais virtudes, o segundo em precisão de adquirir para a sua educação e demais competência, só então, quando ao mesmo objetivo convergem essas duas normas, só então é que coincide ser belo o aquiescer o amado ao amante e em mais nenhuma outra ocasião. [...]²⁰

Esse é o papel do contador de histórias, como amante, de educar a criança para a sabedoria e as virtudes. A criança, no caso o ser amado, apreciadora de historinhas, está aberta a essa educação do contador de histórias. E se ela está feliz tudo se torna belo e alegre, como cita Platão: “o amor feliz acha que tudo é encanto, as menores e mais insignificantes coisas.”²¹ O contador de histórias quando se torna amante é visto com alegria e prazer pela criança. Tudo o que o contador de histórias disser ou fizer vai ser considerado bonito, encantador e bom. Quem ganha o amor de uma criança torna-se eternamente responsável por ela. O contador de histórias sabe disso e deve manter esse laço de união alimentando-o com belas histórias.

²⁰ PLATÃO. *O Banquete; ou, Do Amor*. Op. cit. p. 115.

²¹ Id., *Fedro*. Op. cit. p. 63.

3. A contação de histórias e os negros africanos

Os primeiros contadores de histórias conhecidos no Brasil foram os negros africanos, conforme as palavras de Arroyo:

Velhos negros e negras – os ‘akpalôs’, os ‘arokin’ e os ‘dialis’ – não se atinham apenas ao processo narrativo em prosa. Recorriam também à poesia para dar, naturalmente, um tom mais dramático às suas estórias. E também as canções de berço, as cantigas de ninar portuguesas, foram modificadas pela influência negra, que nelas alterou palavras, ‘adaptando-as às condições regionais, ligando-as às crenças dos índios e às suas.’²²

Antigamente as amas de leite contavam histórias para os filhos dos senhores de engenhos, antes da Lei Áurea. Senhoras analfabetas, com a cultura e os costumes do seu povo além de uma imaginação fértil. Foram elas as criadoras das mais brilhantes histórias que chegaram até os nossos dias. Através dessas mulheres os clássicos da literatura infantil da Europa e de outros países difundiram-se no Brasil misturados ao nosso folclore.

A minha mãe sempre contava uma história muito tristonha, mas que marcou não só a minha infância como a infância de muita gente importante dentre elas a do memorialista João Maria Belo, sobre o que Arroyo diz:

O velho negro do memorialista contava a estória da menina que a madrasta, na ausência do pai, matara e enterrara no capinzal, ‘porque deixara o passarinho picar os frutos da figueira.’²³

Tanto o velho negro do memorialista citado acima quanto a minha mãe costumavam recheiar a história triste com cantigas. A minha jamais esquecida:

O cravo brigou com a rosa,
Defronte de minha casa;
O cravo ficou ferido
E a rosa despedaçada.

Palma, palma, palma
Pé, pé, pé

²² ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil: ensaio de preliminares para a sua história e suas fontes*. São Paulo: Melhoramentos, 1968. p. 51.

²³ Id., *ibid.*, p. 51.

Roda, roda, roda,
Caranguejo peixe é.²⁴

Arroyo nos traz um fragmento de Nina Rodrigues contando como eram conhecidos esses africanos que invadiram o Brasil e alegraram as crianças filhas dos ricos senhores de engenhos:

Nina Rodrigues, que pesquisou durante muito tempo entre os últimos sobreviventes do tráfico negreiro na Bahia, acrescenta que o *akpalá* era 'personagem muito estimado e de grande procura para as reuniões da sociedade', em sua terra de origem, e cita a pesquisa de A. Ellis, segundo a qual alguns indivíduos 'fazem profissão de contar histórias e andam de lugar em lugar recitando contos.' Tais pessoas eram os *akpalô*, *kpatita*, ou seja, 'aquele que faz vida ou negócio de contar fábulas.'²⁵

Muitas cantigas e poesias embaladas pelos negros nas suas histórias insistem em continuar na tradição, apesar do mundo contemporâneo ter modificado quase tudo. Dessas temos duas que superaram o passar das décadas e chegaram aos dias atuais. Temos na boca do povo as seguintes:

Sabiá lá na gaiola
Fez um buraquinho
Voou, voou, voou, voou
E a menina que gostava tanto do bichinho
Chorou, chorou, chorou, chorou
...²⁶

Carpinteiro do meu pai
Não me corte o meu cabelo
Minha mãe me penteou
Minha madrasta me enterrou
Pelo figo da figueira
Que o passarinho picou.²⁷

Quem conta essas histórias parecidas com as do negro é Monteiro Lobato na sua personagem de Tia Nastácia, a negra cozinheira do Sítio do Picapau Amarelo. Ele resgata as histórias contadas pelos negros em que eles sempre se colocavam dentro da

²⁴ Jangada Brasil. Realejo, os sons do Brasil. O cravo brigou com a rosa. Disponível em: <<http://www.jangadabrasil.com.br/realejo/exibirtitulo.asp?id=51>>. Acesso em: 11 de julho de 2006.

²⁵ ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil: ensaio de preliminares para a sua história e suas fontes*. Op. cit. p. 48.

²⁶ ALVES, Carmélia. *Sabiá lá na gaiola*. Disponível em: <<http://www.sescsp.com.br/sesc/hotsites/mpb6/05.htm>>. Acesso em: 11 de junho de 2006.

²⁷ ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil. ensaio de preliminares para a sua história e suas fontes*. Op. cit. p. 51.

história. Eis uma parte da história do “O homem pequeno” onde podemos ver o negro entrar na história:

Vendo que seriam alcançados, Guimara se transformou num riacho; virou o príncipe num negro velho; as selas, num canteiro de cebolas; uma espingarda que levavam, em beija-flor; e os cavalos, em árvores. O gigante, ao ver aquele negro velho tomando banho no riacho, parou para pedir informações.²⁸

O negro era o contador de histórias de antigamente. Também foi ele o responsável por muitas noites de encanto e magia de meninos e meninas famosos da nossa literatura, tais como: Gilberto Amado, Francisco de Paula Ferreira Rezende, José Maria Belo e Maria Madalena Antunes Pereira.

²⁸ LOBATO, Monteiro. *Histórias de Tia Nastácia*. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 24.

4. Como se contavam histórias antigamente no Brasil

Não existiam bons leitores nem energia elétrica. As histórias eram contadas nas cozinhas das casas grandes, no quarto das crianças ou embaixo de uma árvore. Em alguns lugares a contação de histórias se dava à noite quando a criançada se reunia próxima da fogueira para ouvir aquelas histórias que foram criando o nosso folclore. De norte a sul do Brasil o momento de contação de histórias era um momento mágico para as crianças. O lobisomem, a mula-sem-cabeça o saci-pererê eram as terríveis assombrações que vinham assustar as crianças nas madrugadas de trovoadas e relâmpagos. Primeiro foram os negros depois os contadores de histórias foram se formando.

No entanto, os meninos fingiam não ter medo daquelas histórias cheias de suspense, de arrepiar os cabelos e acelerar o coração. Os negros gostavam de adornar as suas histórias com elementos brasileiros para se aproximar da realidade dos meninos e fazê-los acreditar que contavam a verdade. Na verdade, os meninos ficavam morrendo de medo após a história e quando a negra saía do quarto eles se metiam embaixo dos lençóis todos cobertos imaginando um monstro ou coisa parecida entrar pela janela.

Era sempre a oralidade o elemento fundamental da contação de histórias. Não havia livros com figuras. A imaginação fluía. Era olho no olho. O improviso era uma arte e dava um sabor especial à história. O contador de histórias era um verdadeiro mestre da narrativa. Conhecedor das mais diversas histórias passadas de geração em geração guardava tudo na memória. O mais interessante de tudo isso era a forma como o contador de histórias se deixava levar pela contação: uma coisa que parecia muito risonha ou amedrontadora, por exemplo, o contador não demonstrava nenhum sinal de riso ou medo, contando a história naturalmente. Enquanto as crianças riam ou se assustavam o contador estava lá, tranqüilo, apenas narrando a história.

As velhas contadoras de histórias não se importavam em contar histórias todas arrumadinhas, porque elas não tinham a intenção de torná-las em livros. Além do mais, muitas histórias eram inventadas no momento da contação. Elas pegavam um pouquinho dali, um pouquinho daqui, algo que ouviam ou que tinha acontecido, misturavam com os seus cotidianos e a imaginação.

Antigamente, as histórias eram contadas de todos os jeitos. Os contadores de histórias cada qual com o seu linguajar iam lembrando dos fatos no momento da contação colocando muitos “aís” e “naquele tempo”. Outra forma de tirar a responsabilidade da história contada era salientar “foi meu pai quem contou” ou “aconteceu de verdade”.

Uma dessas histórias antigas e que aqui faço uma homenagem a minha avó materna chamada Lourdes é de arrepiar os cabelos, mas ela conta de um jeito tão simples e sem demonstrar um pingo de medo, vale a pena deixar aqui registrada. Ela começa mais ou menos assim:

“Quando eu era muito pequena, na noite de sexta-feira santa, ficava esperando os argorentos passarem em frente da minha casa. Os argorentos iam atrás de um doente à beira da morte. Pois bem, nesse dia, o vizinho da minha casa estava muito doente. Eu vi com esses olhos que a terra há de comer os argorentos chegando cada um com um objeto nas mãos: um trazia as tábuas, o outro o machado, o outro os pregos, mais um o serrote e um outro vestido de preto trazia a mortalha para vestir o morto, enquanto os outros vinham atrás cantando. Os argorentos pararam na casa do meu vizinho e começaram a cantar umas músicas estranhas pedindo que Deus levasse logo aquele doente e que eles pudessem fazer o enterro. Era uma coisa triste, minha filha, de se ver e ouvir. Aquele bando de gente cantarolando canções tristes, serrando a madeira do caixão e batendo os pregos na frente da casa do doente. Quando os argorentos viam que o doente não ia morrer naquela noite, então eles ao amanhecer iam embora. Deixando o argouro nos corações de todos, inclusive do doente que logo falecia. Meu vizinho, o amigo de papai, morreu ao meio-dia do sábado de aleluia. O pobre não teve nem tempo para beber o último copo d’água que pediu. Que Deus o tenha coitado.” (Vó Lourdes faz o sinal da cruz e termina a história).

Essa é uma das mais belas histórias que Vó Lourdes me contou. Pequena, mas muito assustadora. Escrevendo a história ela perde muito da sua magia, mas ouvindo da boca da minha vó ela chega a amedrontar. Assim que deviam ser contadas todas as histórias.

5. Como se contam histórias no século XXI

Hoje as histórias são contadas em CD-ROOM. Os contadores de histórias estão na era da tecnologia fazendo usos da multimídia, da robótica e da Internet para contar histórias. Parece esquisito, mas as maravilhas da tecnologia substituem o homem com precisão e eficiência. Todavia, essa tecnologia não substitui o homem na questão dos sentidos e dos sentimentos expressos espontaneamente no ato da oralidade. Tenho ouvido muitos contos de fadas contados em CD-ROM. Meus sobrinhos escutam, as crianças da minha rua escutam, todos escutam. Quanto maior puder aumentar o som, mais pessoas ouvirão. É prático. O contador está presente sempre que for necessário.

Os contadores de histórias do mundo contemporâneo são na sua maioria atores, mestres e até mesmo doutores. Especializados na arte de contar histórias, muitos contadores vestem-se de algum personagem, fazem uso de algum apetrecho, tais como fantoches, bonecos de pano, garrafas plásticas, pedaços de algodão. Eles dançam, pulam e cantam. Suas roupas são coloridas. Ainda há aqueles que preferem contar sem usar nada e com suas próprias roupas. Às vezes usam algum ornamento no cabelo. Já vi um deles representar uma princesa através de um palito de picolé. Durante dias estudam a história. Depois de decorada a história é repassada duas ou três vezes. As histórias devem ser pequenas, porque o tempo é curto. Segundo Bussatto é assim que se apresenta o contador de histórias do século XXI:

O contador contemporâneo agenda e se prepara para a sua apresentação, ajusta-se ao espaço físico, muitas vezes usa um figurino que o caracteriza enquanto personagem-narrador aguarda o público entrar, e só então inicia o espetáculo, em alguns casos permeado por aparatos cênicos.²⁹

Em meio a tudo isso o contador de histórias ainda vive a frustração de não ter público suficiente para a realização do seu espetáculo. Isso ocorre geralmente nos *shopping centers*, local onde as crianças têm uma gama de diversões, tais como parquinho de diversão, cinema, lojas de jogos eletrônicos etc. Em época natalina a concorrência com as belas decorações, que vão de Mickey até os famosos duendes, Papai Noel e suas renas, torna-se maior e o número de crianças quase zero muitas vezes.

²⁹ BUSATTO, Cléo. *A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. p. 30.

Os locais onde as histórias são contadas: hospitais, asilos de idosos, abrigos de crianças, escolas, bibliotecas, feiras de livros, livrarias, praças públicas e *shopping centers*. Mas o contador de histórias começa a ocupar espaços diferentes: festas de aniversários, batizados infantis, jantares etc. É o que informa Busatto:

Eventos inusitados, como jantares especiais, festas sofisticadas e encontro de amigos passam a ser ambientes onde soa a voz do contador contemporâneo.³⁰

Além de contar histórias também é preciso saber animar e desenhar. O contador de histórias contemporâneo cobra caro pelo seu trabalho. Apesar de não ser uma profissão regulamentada, os contadores firmam contratos definindo regras e valores dos seus trabalhos. Encontros e congressos de contadores de histórias começam a surgir no mundo inteiro.

Há livros ensinando como contar histórias. Pesquisadores e especialistas falam dessa tradição que transcorreu o tempo. Cada um dá a sua receita e fala da sua experiência. Aproveitando a tecnologia da Internet, eles fazem uso da linguagem de hipertexto criando *sites*, fóruns de discussão, blogs, cursos à distância etc. Oficinas de contação de histórias se espalham pelo mundo inteiro. É preciso formar pessoal qualificado e especialista para desenvolver a profissão de contador de histórias num século em que para contar histórias não basta a arte, mas o domínio de técnicas só adquiridas através do estudo árduo.

³⁰ BUSATTO, Cléo. *A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. p. 30.

6. Contando histórias no Projeto Giges

O Projeto Giges surgiu no ano de 2002, na calçada da minha casa. Os objetivos eram ajudar as crianças na construção e assimilação dos valores individuais, na observação diante das coisas ao redor de si, nos diversos sentimentos vivenciados no dia-a-dia e, principalmente, na formação de crianças apreciadoras de histórias de crianças com outras culturas, mas que têm os mesmos problemas.

Para contar histórias no Projeto Giges não uso nenhum ornamento e sempre me apresento com a roupa do meu cotidiano, muitas vezes com um short, uma blusa e de sandálias, noutras com uma calça de tecido macio e camiseta. Já contei descalça, também. Não uso maquiagem e meus cabelos estão sempre soltos.

Procuro me vestir parecida com as crianças que vêm ao encontro de qualquer jeito: descalças, de calção sem camisa, cabelos arrepiados, chupando o dedo ou a chupeta, com blusinhas e saias de tecido simples. Gosto de me apresentar às crianças como sou, pois isso me aproxima mais ainda delas. Acredito que me vestindo num personagem no momento em que deixar de ser aquele personagem, o vínculo contador de histórias e amante se perderá, pois a criança (o amante) amará o personagem e não a mim. Por essa razão prefiro que elas me amem exatamente como sou.

As histórias às vezes são criadas no momento do encontro. Vão surgindo devagarzinho. Já aconteceu de me esquecer parte de uma história e ser necessário o uso do improviso. A improvisação é muito difícil, exige um esforço da memória para rapidamente criar uma narrativa nova.

Escolho uma história e a estudo durante dois ou três dias. Quando a história é grande, faço um resumo das partes principais. Conto só o que é essencial.

Sentamos todos na calçada: eu e as crianças. Elas ficam de frente para mim. Peço o barulho do pensamento e de repente o silêncio se faz presente. Digo o título da história e o nome do autor. Então inicio com a voz suave. Dependendo da história, às vezes preciso interpretar a voz da personagem e as crianças gostam quando faço isso.

Enquanto vou contando olho às crianças ao meu redor. Quando a história permite, brinco com as crianças.

Muitas vezes apresento o livro de onde retirei a história. Elas gostam do contato com o livro. Quando faço isso, percebo que as crianças sentem mais confiança no que conto. É como se a história tivesse vida própria e precisasse ser conhecida. O livro é o corpo da história e eu sou a alma, creio ser mais ou menos isso.

7. A importância das histórias às crianças

As crianças não sabem lidar com os seus sentimentos. Elas têm raivas, alegrias, tristezas, medos e solidão, mas não sabem o que fazer para tratar desses sentimentos. Com um vocabulário pequeno elas simplesmente falam palavras do tipo “estou chateado” ou “estou triste”. Os adultos tentam resolver esses problemas de uma forma muito complexa à criança, pois ela não entenderá a sua linguagem natural. Para entrar no mundo da criança, é preciso falar em metáforas, de acordo com Sunderland

[...] para as crianças, a linguagem cotidiana não é a linguagem natural do sentimento. Para elas, a linguagem natural do sentimento é a da imagem e da metáfora, como em histórias e sonhos.³¹

Ao ouvir uma história, a criança sai do mundo real e entra no mundo do faz-de-conta. Ela penetra nesse mundo onde todas as coisas são possíveis. É o que comenta Amarilha: “ao relato de uma história, imediatamente, o ouvinte ou leitor se afasta do mundo que o cerca, portanto, ele faz aquele distanciamento necessário para penetrar no universo da ficção, do faz-de-conta...”³²

O conto oral é mais do que divertimento para a criança. Ele tem poder terapêutico e faz a criança lembrar do berço quando ouvia a voz de ninar da mãe. Busatto vai até os tempos mais antigos para explicar essa afirmação:

Já os povos orientais consideravam o conto oral mais do que um estilo literário a serviço do divertimento. Sabiam que neles estão contidos o conhecimento e as idéias de um povo, e que através deles era possível indicar condutas, resgatar valores e até curar doenças. Eles acreditavam no poder curativo do conto, e em muitas situações o remédio indicado era ouvir um conto e meditar sobre ele. Neste caso o conto funcionava como um reestruturador do desequilíbrio emocional que provocou o distúrbio físico. Aqui, o conto adquire um caráter terapêutico, encanta curando.³³

As histórias proporcionam cura para alguns males das crianças, porque geralmente os personagens sofrem problemas parecidos com os delas. Terapias são feitas, atualmente,

³¹ SUNDERLAND, Margot. *O valor terapêutico de contar histórias: para as crianças: pelas crianças*. São Paulo: Cultrix, 2005. p.16.

³² AMARILHA, Marly. *Estão mortas as fadas?* Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. p.53.

³³ BUSATTO, Cléo. *A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. p. 17.

com contação de histórias. Os terapeutas acreditam ter encontrado nas histórias um elemento fundamental para tratar crianças com problemas. O personagem da história sabe que é difícil a sua trajetória, mas luta até o fim pela vitória quando então conquista a felicidade. É isso o que a criança deseja encontrar: um final feliz. Sobre isso Sunderland diz:

Mas a criança que ouve a história tem uma esperança: o personagem central da história terapêutica continua firme depois de chegar ao fundo do poço. A mensagem é forte e clara: *não desista*. Ali, logo virando a esquina, há sempre alguma coisa para ajudá-lo. Só que, como está logo virando a esquina, não dá para ver direito.³⁴

A diferença da história terapêutica para as outras histórias é o fato de ela ser escolhida para resolver um problema de determinada criança. Primeiro procura descobrir quais os problemas que afetam a criança para depois selecionar a história que trabalhará através de metáforas o seu espírito. Qualquer história pode ser terapêutica. Nos encontros de contação de histórias do Projeto Giges procuro sempre buscar histórias que ajudem as crianças a resolverem seus sentimentos mais comuns, quais sejam:

- Medo de ficar trancada e sozinha em casa
- Raiva do irmão mais novo
- Medo de o pai bater na mãe
- Medo de ser rejeitada pelos coleguinhas
- Vergonha de ser a pior da turma na escola
- Vergonha de fazer xixi na cama
- Medo de que os pais lhe batam
- Medo da morte
- Sentir o coração apertado
- Sentir vontade de chorar
- Sentir vontade de fugir ou de se esconder
- Medo de ficar de castigo
- Sentir vontade de crescer logo
- Raiva de si mesma

³⁴ SUNDERLAND, Margot. *O valor terapêutico de contar histórias: para as crianças: pelas crianças*. Op. cit. p.27.

Elaborei essa lista de sentimentos baseada nos diálogos com as crianças logo depois das contações de histórias. Elas falam do que sentem se referindo ao personagem da história, nunca dizem serem elas as vítimas. As crianças não gostam de se expor. Elas sentem mais vergonha do que os adultos. Uma criança é capaz de ficar traumatizada para o resto da sua vida se tiver seus sentimentos expostos aos demais colegas, pois será vítima de brincadeiras e apelidos causadores de vergonha. A vergonha da criança parece ser um dos seus maiores temores. Elas não querem parecer frágeis diante dos coleguinhas.

O grande problema enfrentado pela criança é em quem deve acreditar. Tem medo de falar dos seus sentimentos aos pais e ser incompreendida. Os adultos costumam falar de uma forma que as crianças não entendem: “vai passar logo”, “não tenha medo”, “amanhã tudo vai ficar bem”. Palavras como essas não resolvem os problemas das crianças. Só tendem a prejudicar mais ainda, pois, à medida que o tempo passa e nada acontece a criança deixa de acreditar nos adultos, únicas pessoas vistas como fortes e corajosas devido a sua altura e idade. É preciso dar atenção aos pedidos de ajuda das crianças, principalmente quando elas não conseguem fazer amigos, tiram notas baixas na escola, fazem xixi na cama depois de uma certa idade ou fingem estar doentes. Ouvir histórias distrai, cura e até mesmo instrui. O personagem chega próximo da criança e tem permissão para entrar no seu mundo imaginário. Junto com o personagem a criança tenta resolver seus problemas, conforme relata Sunderland:

À medida que caminha com o personagem na história, a criança não se sente mais sozinha com seus problemas e com seus sentimentos difíceis ou dolorosos demais porque o personagem do livro vive a mesma situação. O personagem está indo para um terrível beco sem saída por causa do seu jeito de lidar com o problema e a criança sente que também está indo para um terrível beco sem saída pelos mesmos motivos. Mas, finalmente, a criança vai sentir as alegrias e o alívio do personagem ao superar o conflito e a crise e chegar a um ponto de resolução.³⁵

Ouvir histórias proporciona momentos de prazer além de povoar o imaginário da criança com personagens virtuosos. Contar histórias se faz tão necessário como antigamente. Proporciona um viver mais feliz. Em momentos de dificuldade muitas

³⁵ SUNDERLAND, Margot. *O valor terapêutico de contar histórias: para as crianças: pelas crianças*. Op. cit. p.32.

peças desejam ouvir uma história. As histórias dão vida e mostram que não importa o tamanho do problema, pois ele será resolvido. Sobre a bondade e a misericórdia das histórias Estés dá um belo depoimento dizendo:

Na farmácia das centenas de histórias que me ensinaram nas minhas duas famílias, a maioria delas não é usada como simples diversão. De acordo com a aplicação folclórica elas são, sim, concebidas e tratadas como um grande grupo de medicamentos de cura, cada um exigindo preparação espiritual e certos *insights* por parte tanto do curandeiro quanto do paciente. Essas histórias medicinais são tradicionalmente usadas de muitos modos diferentes. Para ensinar, para corrigir erros, para iluminar, auxiliar na transformação, curar ferimentos, recriar a memória. Seu principal objetivo consiste em instruir e embelezar a vida da alma e do mundo.³⁶

De todos os sentimentos vivenciados pela criança, a solidão tem sido um dos maiores problemas enfrentado pelos homens do nosso século e até mesmo pelas crianças. Na verdade, nem toda solidão deve ser considerada maléfica à criança. Às vezes, é na solidão que descobrimos coisas maravilhosas ao nosso respeito. É preciso saber discernir quando a solidão faz mal ou bem a criança. Os pais ou responsáveis que convivem com a criancinha devem respeitar o seu querer ficar sozinha. No momento em que esta solidão for incômoda, certamente a criança pedirá ajuda. Bachelard trata desse assunto da seguinte forma:

Essas solidões primeiras, essas solidões de criança, deixam em certas almas marcas indelévels. Toda a vida é sensibilizada para o devaneio poético, para um devaneio que sabe o preço da solidão. A infância conhece a infelicidade pelos homens. Na solidão a criança pode acalmar seus sofrimentos. Ali ela se sente filha do cosmos, quando o mundo humano lhe deixa a paz.³⁷

Esse devaneio poético referido por Bachelard é o que dá um colorido especial ao mundo imaginário. Quando está só, a criança começa a divagar em pensamentos, imaginar coisas, criar heróis, tornar-se personagem de uma história qualquer. O devaneio povoa o imaginário permitindo que a vida se proclame soberanamente, criando prazeres nas crianças.

³⁶ ESTÉS, Clarrisa Pinkola. *O dom da história: uma fábula sobre o que é suficiente*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p.10.

³⁷ BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 1988. p. 94.

As histórias são alimentos para a alma e para o corpo. Transmitem valores e virtudes além de proporcionar mais amor à vida e às crianças. Muitas histórias são contadas em situações de desespero quando as pessoas não têm mais nada o que fazer, nesse caso elas se tornam suficientes para alívio de uma dor.

No livro “O dom da história”, Estés relata histórias que foram contadas em momentos de desespero e dor. Seus personagens conseguiram evitar um maior sofrimento contando histórias. O mais belo neste livro é a possibilidade que a autora mostra de podermos aliviar as nossas dores e diminuir o nosso sofrimento num momento em que quase nada pode nos trazer de volta a esperança e a felicidade de existir. As histórias são uma espécie de conforto em momentos de tragédias, tais como: as guerras, as enchentes, os vulcões etc. Sobre estes tipos de histórias, Estés diz o seguinte:

É preciso que se saliente também que muitos dos remédios, ou seja, histórias mais poderosas surgem em decorrência de um sofrimento terrível e irresistível de um grupo ou de um indivíduo. Pois a verdade é que grande parte da história deriva da aflição. Deles, nossa, minha, sua, de alguém que conhecemos, de alguém que não conhecemos e que está distante no tempo e no espaço. E no entanto, por paradoxal que seja, essas mesmas histórias que brotam do sofrimento profundo podem fornecer as curas mais poderosas para os males passados, presentes e futuros.³⁸

Em qualquer situação de conflito e rejeição vale a pena recomendar uma história para aliviar ou diminuir a dor da criança. O mundo imaginário é o mais poderoso dos mundos; se a criança consegue ser forte e corajosa nesse, então nos outros ela simplesmente emprestará essa imagem. As histórias conseguem entrar facilmente no imaginário da criança porque lidam com temas e símbolos constituintes do seu pequenino mundo.

³⁸ ESTÉS, Clarrisa Pinkola. *O dom da história: uma fábula sobre o que é suficiente*. Op. cit. pp.10-11.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Carmélia. *Sabiá lá na gaiola*. Disponível em:

<<http://www.sescsp.com.br/sesc/hotsites/mpb6/05.htm>>. Acesso em: 11 de junho de 2006.

AMARILHA, Marly. *Estão mortas as fadas?* Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil: ensaio de preliminares para a sua história e suas fontes*. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BALANDIER, Georges. *A desordem: elogio do movimento*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1997.

BENJAMIN, Walter . O narrador. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. Experiência e pobreza. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BORNHEIM, Gerd Alberto. O conceito de tradição. In: *Cultura Brasileira: tradição, contradição*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

BUSATTO, Cléo. *Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

ESTÉS, Clarrisa Pinkola. *O dom da história: uma fábula sobre o que é suficiente*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

HOSBAWN, Eric. Introdução: a invenção das tradições. In: BALANDIER, Georges (Org.). *A desordem: elogio do movimento*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1997.

Jangada Brasil. Realejo, os sons do Brasil. O cravo brigou com a rosa. Disponível em: <<http://www.jangadabrasil.com.br/realejo/exibirtitulo.asp?id=51>>. Acesso em: 11 de julho de 2006.

KORCZAK, Janusz. *Como amar uma criança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

LOBATO, Monteiro. *Histórias de Tia Nastácia*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

PLATÃO. *Íon*. Disponível em: <<http://consciencia.org/antiga/plaion.shtml>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2007.

_____. *Fedro*. São Paulo: Martin Claret, 2001.

_____. *O Banquete; ou, Do Amor*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

SUNDERLAND, Margot. *O valor terapêutico de contar histórias: para as crianças: pelas crianças*. São Paulo: Cultrix, 2005.

ZUMTHOR, Paul. *Tradição e esquecimento*. São Paulo: Hucitec, 1997.